

ELEMENTOS COMPLEMENTARES PARA UMA BIOBIBLIOGRAFIA DE MANUEL DOS SANTOS LIMA

FRANCISCO TOPA

Universidade do Porto / CITCEM.

– Manuel Guedes dos Santos Lima nasceu a 28 de janeiro de 1935, em Cassamba, Silva Porto (atual Cuíto), na província do Bié, em Angola. Era filho de Silvestre de Jesus dos Santos Lima e de Ana José Guedes.

– Viveu a infância e os primeiros anos da adolescência na Vila Teixeira de Sousa (atual Luau, na província do Moxico), onde o pai, funcionário público, tinha sido colocado.¹

Segundo nos contou, em entrevista², foi «o primeiro aluno negro a ser admitido na escola oficial do Luau (...). Fui o primeiro porque o meu pai se bateu por isso, porque os alunos negros iam automaticamente para as escolas das missões católicas e, em menor número, para as protestantes. Estas últimas eram mais bem vistas porque ensinavam os negros a ler e a escrever, ao passo que as católicas ensinavam



Com a irmã, Maria dos Ramos¹

¹ Foto disponibilizada por Manuel Lima. Salvo indicação em contrário, é este o caso de outras imagens que acompanham este texto.

² A 30 de março de 2015, na sua casa do Ladoeiro, Idanha-a-Nova, numa sessão em que participaram os estudantes Lara Videira, Patrycja Litewnicka, Rui Teixeira e Vanessa Sousa.

sobretudo folclore português e a cantar o hino, mas raramente ensinavam a ler, exceção feita a algum aluno a quem depois fosse atribuída a missão de ler os discursos oficiais quando vinha alguma personalidade colonial». [Como acontece no romance *As sementes da liberdade*, em que um jovem nativo chamado Pedro Álvares Cabral, aluno da Missão, «lê» perante o Governador um discurso decorado.].

– Aos 13 anos, vem para Lisboa, para prosseguir os estudos. Como conta na entrevista, «O meu pai levou dois anos até conseguir que patrícios seus me recebessem em casa deles, em Lisboa. E fez-me um grande sermão antes do embarque: entre muitas recomendações, obrigou-me a jurar que eu ia para Portugal, não para ser futebolista nem vadio, mas para estudar e tirar um curso, pois um negro só conseguia singrar na vida com um curso universitário. (...) Viajei três dias de comboio do Luau até ao Lobito e depois 14 dias de barco. Tudo isto sozinho (...). Quando cheguei a Lisboa, estava a filha dessa família santomense à minha espera, no Cais de Alcântara, a 30 de abril de 1948.»

– Antes do Liceu Camões, estudou, segundo nos disse, «no Colégio Nun'Álvares, perto do Areeiro». No liceu fez amigos que ficaram para a vida: «Alguns desses meus amigos envolviam-se à pancada quando alguém me segregava por razões raciais e são amigos até hoje, ainda que alguns vão falecendo entretanto». Nessa altura, havia apenas mais dois alunos negros. Um dia, «no meu 3.º ano, na aula de Físico-Químicas, o professor, fez uma pergunta a que ninguém soube responder e voltou-se depois para mim: “E tu, ó preto? Diz



lá.” E eu respondi que me chamava Manuel Lima. A partir daí, claro, passou a tomar-me de ponta.»

– Durante alguns anos foi praticante de atletismo (corrida de velocidade), no Bele-nenses.

– Ingressou na Faculdade de Direito em 1953, onde foi colega de futuras figuras importantes da política portuguesa, como Sá-Carneiro, Pinto Balsemão e Jorge Sampaio.

Embora o pai lhe enviasse metade do seu salário, Manuel Lima vivia em Lisboa com grandes dificuldades: «Por isso, aos 16 anos eu dava explicações; depois fui tradutor do Boletim da Embaixada da República Árabe Unida e trabalhei para os Maristas, ajudando também a redigir um boletim mensal. Nunca consegui uma bolsa, embora nessa altura Angola atribuisse cerca de 150 bolsas de estudo.»

A cor da pele representava um obstáculo na obtenção de emprego: «A primeira vez que me candidatei a um emprego em Portugal, salvo erro, foi numa dependência da Nestlé, mesmo em frente ao Liceu Camões. Candidatei-me por carta e recebi uma resposta muito entusiasta, dizendo que me fosse apresentar. Mas foi grande a decepção do empregador à minha chegada, pelo que não cheguei a ser contratado.»

– Segundo explica, «Não acabei Direito porque fiquei desencantado. Eu fui para Direito por idealismo, para defender os africanos. Tinha visto que, em Angola, sempre que ocorria um diferendo entre um angolano e um português, a decisão era favorável ao branco. Não havia sequer advogados negros.»

– Entre os seus professores contavam-se algumas das figuras de proa do Estado Novo, como era o caso de Paulo Cunha, responsável pela disciplina de Direito Civil. Num dos romances que publicou, Manuel Lima alude a uma enorme fazenda que o jurista teria no norte de Angola. A esse propósito, esclareceu-nos o autor angolano: «Constava isso, de facto. Dizia-se que era uma propriedade tão grande que só se podia visitar de avião. Mas o Paulo Cunha permitia-se contar anedotas na sala de aula em que intervinham os líderes africanos em destaque na época. Numa delas dizia que um chefe de estado, não me recordo agora qual, estava a viajar de avião e a hospedeira trouxe-lhe o menu, que ele recusou, dizendo que queria era a lista dos passageiros... Isto numa sala de aula, todos a rirem. Nessa altura éramos só dois negros e nós sentíamos-nos humilhados. Isso reforçava as nossas ideias independentistas.»



– No Arquivo da PIDE³, um informe dá conta da sua decepção perante a reprovação na cadeira de Direito Corporativo, provavelmente ministrada pelo Prof. Soares Martinez, um dos fiéis apoiantes do Estado Novo.



Manuel dos Santos Lima com Dorothy Brooks, da delegação inglesa da Societé Africaine de Culture, e um outro participante indicado no verso como Dr. David Nicolson⁴.

– Em 1956 participou, por sua iniciativa, no I Congrès des Écrivains et Artistes Noirs, que se realizou em Paris, de 19 a 22 de setembro, por iniciativa de Alioune Diop e da revista *Présence africaine*. O encontro decorreu na Sorbonne, no Anfiteatro Descartes, onde em 1948 fora proclamada a Declaração Universal dos Direitos de Homem.

Chamado ao serviço militar, recebeu formação em Mafra, Guarda, Castelo Branco e Lamego, completando o curso dos Comandos.⁴⁵

– Em 1960, trabalhou durante algum tempo como auxiliar do Centro de Estudos Políticos e Sociais, desempenhando funções no Centro de Documentação Científica Ultramarina da Junta de Investigações do Ultramar^{6,7}.



Foto de alferes, tirada em Castelo Branco⁵.



Maria Luísa Gomes Fernandes, em foto com dedicatória de 15/07/1961⁷.

³ ANTT, PIDE/DGS, Del A Gab 90 NT 8019, «(Resumo do que a seu respeito consta nos registos desta delegação)» (fl. 58-78): «Não concluiu o 2.º ano de Direito, por ter reprovado em Direito Corporativo, cadeira [de] que aliás havia feito a sebenta, a pedido do professor, reprovação essa que o chocou profundamente» (fl. 69).

⁴ Fonte: ANTT, PIDE/DGS, SC GT 372 NT 1406.

⁵ Fonte: ANTT, PIDE/DGS, SC GT 372 NT 1406.

⁶ ANTT, PIDE/DGS, SC BOL 193847 NT 8123: no Boletim de informação n.º 198347, de 21/04/1960, informa-se que «Não existem motivos impeditivos para a nomeação do referenciado».

⁷ Fonte: ANTT, PIDE/DGS, SC GT 372 NT 1406.

– No ano seguinte, foi mobilizado, como alferes miliciano de Infantaria, para Goa, mas aproveitaria uma escala em Damasco para desertar. Segundo nos disse na entrevista já referida, «A informação foi-me comunicada com três dias de antecedência.» Apesar disso, «Como eu era tradutor do Boletim da Embaixada da República Árabe Unida, através do delegado cultural deles, obtive apoio para a minha deserção (...). A minha namorada, futura mãe dos meus filhos, que também queria sair de Portugal, tomou o comboio no mesmo dia para Paris (...).»

– O objetivo era chegar a Marrocos, onde havia um núcleo nacionalista angolano e onde decorrera, em abril, a 1.ª Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), que elegera Mário de Andrade como presidente e Marcelino dos Santos como secretário-geral. Aconteceu porém que «(...) uma semana depois da minha deserção, a Síria saiu da República Árabe Unida e não foi fácil arranjar maneira de passar de Damasco para Beirute. Lá consegui e depois segui para Rabat. Algum tempo mais tarde a minha namorada foi ter comigo e casámos em Rabat.» O enlace com Maria Luísa efetuou-se a 15 de novembro de 1962, apadrinhado por Marcelino dos Santos e Aquino de Bragança, e dele nasceram dois filhos: Ana Maria e Kalanga.

– Um episódio curioso decorrente da partida precipitada de Lisboa tem a ver com duas malas contendo livros e outros artigos que Manuel Lima deixou para trás, escrevendo posteriormente a um companheiro do curso de Direito a pedir que as fosse buscar e que as guardasse. Contudo, atemorizado, o colega informou a PIDE, que apreendeu o material, elaborando duas listas com o seu conteúdo⁸. Deixando de lado outros itens (como um maço de revistas e três conjuntos de recortes de jornal) e os objetos pessoais, o número de livros cifra-se em 69, dando-nos uma ideia das leituras do nosso autor naquela época. Na primeira lista, com 54 obras, a identificação é feita apenas pelo título, o que não garante certeza absoluta quanto à identificação de alguns livros.

De um modo geral, podemos dizer que a matéria africana é dominante. Há um pequeno conjunto com títulos de autores luso-africanos, a começar por Castro Soromenho, com os volumes de contos *Rajada* e *Calenga*, os romances *Terra morta* e *Viragem* e o trabalho etnográfico *Mistérios da terra*. Contam-se ainda obras como *Morabeza*, de Manuel Ferreira, *Alto como o silêncio*, livro de poemas da santomense Maria Manuela Margarido, *Cubata abandonada*, de Geraldo Bessa Victor, e *Poesias*, de Mário António. Paralelamente, destacam-se as publicações de autores ligados à literatura negra estrangeira, sobretudo a que era feita em francês, como é o caso dos romances *Batouala*, de René Maran, e *L'enfant noir*, do guineense Camara Laye, ou do livro de poemas *Coups de pylon*, do senegalês David Diop. Na mesma língua, encontram-se vários números da *Présence africaine* e várias edições promovidas pela revista (*Les étudiants noirs parlent*; *L'art nègre*; *Hommage à Jacques Richard-Molard*; *Discours sur le colonialisme*, de Aimé Césaire; *Le réveil de l'Afrique*, de Basil

⁸ ANTT, PIDE/DGS, SC GT 372 NT 1406: «Guia de entrega», fl. 10 e 11 (com data de 06/10/1961) e «Relação de livros pertencentes a Manuel Guedes dos Santos Lima», fl. 50 (datada de 27/09/1961).

Davidson; *Nations nègres et culture*, de Cheikh Anta Diop; *La Guinée et l'émancipation africaine*, de Sékou Touré; *Les masses africaines et l'actuelle condition humaine*, de Abdoulaye Ly). Em espanhol, destaca-se *El són entero*, de Nicolas Guillén, e, num registo diferente, dois



Com o poeta cubano Nicolas Guillén.

volumes de Pablo Neruda, *Las uvas y el viento* e *Nuevas odas elementales*. Outras obras em que o tema do negro e do racismo está presente são, por exemplo, um romance de Sinclair Lewis, na versão francesa, *De sang royal*, e *Les mangues vertes*, de Madeleine Alleins. Ainda no domínio da literatura, nota-se a atenção a autores contemporâneos de tendências várias, como o brasileiro Jorge Amado (com *Capitães da areia* e *Los subterráneos de la libertad*, este último provavelmente na edição argentina de 1958), os portugueses Liberto Cruz (*Névoa ou sintaxe*) e Mário Braga (*O cerco*), o francês Jean Anouilh (possível autor da *Antígona* referida na lista) ou André Kedros, pseudónimo de André Maspéain, um escritor grego de língua francesa (*O navio dentro da cidade*), a par de clássicos como *La sonata à Kreutzer*, de Tolstoi. Para além das obras literárias, as listas revelam outras vertentes do interesse de Manuel Lima pelas questões africanas: a história e a etnografia da África ainda sob o domínio colonial português (*A derrocada do Império Vatua* e *Mousinho de Albuquerque*, de Francisco Toscano e Julião Quintinha; *História das guerras no Zambeze: Chicoca e Massangano*

(1807-1888), de Filipe de Almeida de Eça; *Lunda: sua organização e ocupação*, de Alberto de Almeida Teixeira; *Guiné portuguesa*, de A. Teixeira da Mota; *Colóquios cabo-verdianos*, provavelmente a publicação de 1958 da Junta de Investigação do Ultramar); o tema do negro (*Antologia do negro brasileiro*, de Edison Carneiro; *Os pretos em Portugal*, de António Brásio); a perspetiva jurídica (*Racial equality and the law*, de Morroe Berger; *Administração da justiça aos indígenas*, de Adriano Moreira; *O ultramar português no plano mundial*, de André Gonçalves Pereira; *Análise social do regime do indigenato*, de Domingos Arouca); o ponto de vista político (*Discurso pronunciado na sede das Nações Unidas, por ocasião da 15.ª sessão da Assembleia Geral, em 27.IX.1960*, por Gamal Abdel Nasser).



Numa base argelina, com, entre outros, Anne Vernon, Mário de Andrade, comandante Slimane e Nelson Mandela (em pé) e Jacques Vergès (agachado).

– No Norte de África, cabe-lhe montar as bases do Exército Popular de Libertação de Angola, organização militar do MPLA: «Porque eu era oficial e o Mário de Andrade atribuiu-me essa tarefa, tanto mais que eu vinha dos Comandos. Pôs-me em contacto com argelinos, o Comandante Slimane [nome de guerra de Ahmed Kaïd], o Bouteflika, atual presidente da Argélia, que estavam na fronteira entre Marrocos e a Argélia. Uns meses depois conheci o Nelson Mandela, que me encomendou planos para a guerrilha urbana, que era uma das soluções que ele considerava na altura.»

– O primeiro grupo de instruendos era formado por 285 homens, maioritariamente recrutados entre os jovens refugiados que chegavam à atual República Democrática do Congo, onde o comité diretor do MPLA se consegue instalar durante algum tempo.



Manuel Lima com alguns dos primeiros soldados do EPLA.

– Em dezembro de 1962, na então Léopoldville, realiza-se a I Primeira Conferência Nacional do MPLA, que consagra como líder Agostinho Neto. Pouco depois verificar-se-ão várias cisões, ocorrendo a saída de elementos importantes, como Viriato da Cruz, Mário de Andrade e Manuel dos Santos Lima, este último por carta de 13 de julho de 1963. Na entrevista que nos concedeu, declara: «Saio por desilusão com o Agostinho Neto, única e exclusivamente. (...) Na última reunião do comité diretor em que eu participei, disse claramente que não concordava com as diretrizes de Agostinho Neto, pelo que me vou embora, pois a luta perdeu o sentido para mim. Mas não estrago nada. Aqui está o corpo militar do MPLA, com o EPLA, com 285 soldados equipados, armados, com disciplina militar.»

– Depois da saída do MPLA, voltou à Argélia, seguindo posteriormente para a Suíça, acompanhado da família, com o objetivo de retomar os estudos. Obtém uma bolsa do World University Service, a que se juntam apoios de entidades holandesas e suecas, o que lhe permite frequentar e concluir, entre 1963 e 1968, na Universidade de Lausanne, o curso de Literatura Comparada.

– Segundo explica, «Quando acabei o curso, candidatei-me a cerca de 20 países africanos, oferecendo-me como professor. Respostas só vieram ao fim de um ano», pelo que



Reunião do comité diretor do MPLA, em Léopoldville, em 1963, sob a presidência de Agostinho Neto. Da esquerda para a direita: Aníbal de Melo, Mário de Andrade, Manuel dos Santos Lima, Reverendo Domingos da Silva e Agostinho Neto.

«Acabei por ir para o Canadá porque conheci um casal de estudantes na Universidade de Lausanne, portugueses, que depois do curso foram para lá. Esse casal tinha ido para Winnipeg e insistiu que eu fosse também. Eu fui, mas para Montreal. Inscrevi-me na agência de emprego e recebi várias propostas, acabando por ficar em Montreal. E lá estive até 1982, quando a Universidade de Rennes me convidou para aí lecionar. Fui por seis meses e fiquei 20 anos.»

– Nesse intervalo de tempo, obtém, em 1975, o doutoramento na Universidade de Lausanne com um trabalho sobre *O negro e o branco na obra de Castro Soromenho*.

– No início dos anos 90, funda um movimento político, que participa com pouco êxito nas eleições angolanas de 1992. O episódio é recordado assim: «Deixei o MPLA em 1963 e nunca mais me meti em política porque deixei de acreditar. Estava em Rennes e, em 1990 ou 91, apareceu-me uma delegação de jovens angolanos da oposição ao regime, pedindo-me para encabeçar um movimento alternativo, porque eu era uma figura de referência. O Afonso Vieira Lopes foi um dos que veio ter comigo. Eu, embora achasse que não havia condições, aceitei e tentei. Fundei o MUDAR (Movimento de Unidade Democrático Angolano para a Reconstrução).»

– Depois de França, estabelece-se em Portugal, ensinando Literatura Africana de Expressão Portuguesa, na Universidade Moderna, em Lisboa, e dando cursos e conferências noutras universidades, inclusive na Universidade do Porto, em cuja Faculdade de Letras lecionou a cadeira de Literaturas Africanas, no âmbito do Mestrado em Estudos Africanos.

– Em 2004, a Chá de Caxinde homenageou-o, em Luanda, e publicou os seus dois últimos romances, *As lágrimas e o vento* e *Os anões e os mendigos*.

– Entre 2006 e 2008 foi reitor da Universidade Lusíada de Angola, encerrando então a sua carreira académica.

– Até ao momento, a sua obra literária é constituída por um livro de poemas, três romances e uma peça de teatro:

Kissange: poemas. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1961. 2.^a ed. Lisboa: UCCLA, 2014.

As sementes da liberdade [romance]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

As lágrimas e o vento [romance]. Lisboa: África Editora, 1975; 2.^a ed. Porto: Afrontamento, 1989. Edição angolana: Luanda: Chá de Caxinde, 2004.

A pele do diabo: drama em III actos. Lisboa: África Editora, 1977.

Os anões e os mendigos [romance]. Porto: Edições Afrontamento, 1984. Edição angolana: Luanda: Chá de Caxinde, 2004.

– Informações complementares a esta cronologia e às explicações que o autor forneceu em 1991 a Michel Laban⁹ podem ser encontradas no Arquivo da PIDE. O *dossier* PIDE/DGS, SC GT 372 NT 1406 inclui um documento datilografado, sem data nem assinatura mas certamente redigido por Manuel Lima, sob o título de «Notas sobre o autor» (fl. 30), o qual contém algumas revelações que vale a pena destacar:

Fez os seus primeiros ensaios poéticos aos doze anos, mas só aos vinte e três tentou um novo género literário – o romance – escrevendo «Nossa Terra» que não conseguiu publicar, assim como o livro de poemas «Canto ao meu Povo», vítima do desinteresse dos editores pelos temas africanos tratados por autores africanos, pois infelizmente criou-se uma «literatura africana» – estranha combinação de ingredientes exóticos – feita por autores curiosos mas divorciados do autêntico Homem Africano e seus múltiplos problemas.

Na conversa já várias vezes referida, Manuel Lima esclareceu que *Nossa terra* foi escrito em 1958 e que serviria de base a *As sementes da liberdade*, que viria a lume em 1965. Quanto ao livro de poemas, declarou que se passara algo de semelhante: *Kissange* acolhe e reformula textos anteriores, alguns deles escritos aos 15 anos.

⁹ LABAN, 1991: 437-460.

No mesmo documento, há uma passagem sobre a peça de teatro, que só viria a ser publicada, certamente com transformações significativas¹⁰, em 1977:

Em todas as suas criações literárias, Santos Lima tem-se revelado profundamente africano. Em «Pele do Diabo», sua primeira peça e prêmio de teatro do concurso literário de 1960 da Sociedade Cultural de Angola, foca-nos o problema dos negros americanos sob o preconceito racial num país «livre e democrático». Não é uma peça circunstancial mas antes um grito e representa – segundo o autor – a sua adesão e solidariedade humanas para com os seus irmãos de raça de além Atlântico, na sua luta pela Igualdade. Escreveu-a para eles e todos os homens de boa vontade que obscura e anónimamente, em qualquer parte do mundo, com amor e fraternidade, vão tecendo as cordas para uma ampla e eterna rede de laços humanos.

Ainda no *dossier* referido, fl. 18-9, há um texto autógrafo sobre *A pele do diabo* que vale a pena transcrever:

Prólogo

Havia muitos anos que sentia agitar-se em mim as personagens de «Pele do Diabo». Elas permaneciam vivas e nítidas no meu espírito, embora hesitasse bastante entre o romance e a novela, antes de pensar numa expressão cénica. E quando esta ideia se tornou definitiva, constatei que para dar às personagens a dimensão humana que desejava, teria de recorrer por vezes a uma «técnica» semelhante à de Miller em «Morte de um caixeiro viajante». Utilizei-a.

A minha peça não tem nada de novo senão um aspecto contratual algo diferente, de um velho tema de Goethe. Com efeito, Jim «Trompete» não precisa de trocar a Alma pela Juventude, para conquista do Amor. O seu «problema» é a sua Pele, pele condenada pela sua Pátria erigida com o valioso concurso do braço escravo dos seus antepassados. Deles até Jim, dista um longo caminho de Emancipação da raça negra; mas isso não é tudo, pois que, paralelamente ao caminho da liberdade, estende-se o muro, alonga-se a barreira racial. «Já não temos grilhetas!» – diz Jack, o leader. Jim, contudo, sente-as na alma. A guerra marcou-o, enchendo-o de cicatrizes no corpo e na alma, mas a sua revolta seria inevitável. A guerra apenas abreviou a sua exploração como ser marginal porque, à semelhança do que em certa medida já acontecera quando do primeiro conflito mundial, os negros americanos esperavam benefícios sociais, esperavam a sua Promoção, pois que tinham lutado pela Paz e Democracia, na América e no Mundo. Aconteceu porém que a Vitória lhes negou ambas. Os Heróis negros sentiram-se, então, traídos e frustrados. Jim foi um deles.

Algumas pessoas não me desculparam ter situado a acção nos Estados Unidos, no Sul, sendo eu angolano consciente das dores da minha gente e eu próprio vítima. Esclareço porém que «Pele // do Diabo» é a minha terceira criação literária. As anteriores – um romance (1957) e um livro de poemas (1958) não encontraram em Portugal editor «independente» e «corajoso». Certos escritores considerados «democratas», «progressistas», «inconformistas», «anti-fascistas», etc,

¹⁰ Decorrentes, antes de mais, da introdução como pano de fundo da Guerra do Vietname, que não poderia estar presente na versão de 1961.

etc, leram os originais e felicitaram-me, apesar da sua escandalosa ignorância e desinteresse pelos problemas da humanidade negro-africana. Paternalmente contudo, descreveram-me as suas sucessivas abdições e «transigências», até conseguirem uma afirmação literária bem encadernada... Às vezes acompanhavam-me à porta e fechavam-na devagar, cortêsmente...

Dentro do conjunto da minha actividade literária, esta peça marca, pois, uma deliberada atitude de solidariedade e adesão humanas para com os negros americanos, meus irmãos de Além Atlântico. Foi pensando neles que a escrevi, a eles dedico.

Manuel Lima

Lisboa, Janeiro de 1961

Mais à frente, na fl. 49, há um recorte da p. 10 da edição de 10/07/1961 do *Diário de Lisboa*, intitulado «A segregação racial nos Estados Unidos é o tema de uma peça premiada em Angola». Depois da notícia, o jornal inclui uma declaração de Manuel Lima sobre a situação da literatura africana:

O prémio que agora me foi atribuído – disse – é um princípio, mas está longe de ser um estímulo definitivo. São poucas as possibilidades de ver a minha peça representada em Angola e desejo traduzi-la para inglês, no sentido de conseguir uma maior audiência para a situação exposta. Os jovens poetas africanos – como aliás todos os jovens que se iniciam nas letras – têm uma particular dificuldade em encontrar editores, o que constitui o maior óbice à afirmação das suas carreiras. Por outro lado, criou-se uma literatura, considerada exótica, que de maneira nenhuma traduz o sentimento autêntico das gentes de Angola. Apenas Castro Soromenho entendeu realmente as coisas, dando um precioso contributo à afirmação de um romance africano.

– Entre os seus projetos atuais contam-se um livro de memórias, cuja redação diz estar já a meio, e «um romance que já anunciei mas não concluí, intitulado *O buraco*. A ideia é esta: quando se faz a passagem de poder de Portugal para Angola, os últimos portugueses a deixarem Angola de avião olham para baixo e veem um grande buraco.» O seu falecido filho, Kalanga, planeava fazer a adaptação cinematográfica de *As lágrimas e o vento*, ideia que Manuel Lima espera ver ainda concretizada.

– Sem pretensões de exaustividade, apresenta-se de seguida um conjunto de elementos complementares relativos à bibliografia de Manuel dos Santos Lima:

Poemas em revistas

Quissange na noite. «Mensagem: boletim». Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. I, 5 (abr. 1958), p. 29.

Poema para uma jovem negra de Joanesburgo. «Mensagem: boletim». Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. II, 3 (abr. 1959), p. 29.

O tractor. «África: literatura, arte e cultura». 1 (jul. 1978), p. 85.

Viagem em torno de ti. «África: literatura, arte e cultura». 1 (jul. 1978), p. 85.

Poemas em antologias

- ANDRADE, Mário de, *org.* (1976) – *Antologia temática de poesia africana: I: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1976. («Escravos», p. 199).
- CECHIN, Lúcia, *sel. e org.* (1985) – *Antologia angolana: poesia e conto*. Porto Alegre: [s.n.], 1985. («O tractor», p. 99; «Viagem em torno de ti», p. 100).
- VASCONCELOS, Adriano Botelho de, *org.* (2005) – *Todos os sonhos: antologia da poesia moderna angolana*. Luanda: União dos Escritores Angolanos. («Pioneiro com espingarda de pau», p. 523; «O hóspede», p. 524; «Certeza», p. 524-5).

Bibliografia passiva

- BURNES, Donald (1978) – *A visão da América em «A pele do Diabo»*. «África: literatura, arte e cultura». Lisboa. I, 2 (out.-dez.), p. 180-2.
- CHALENDAR, Pierrette e Gérard (1986) – Recensão a *Os anões e os mendigos*. «Colóquio/Letras». Lisboa. 91 (mai.), p. 113-4.
- CONRADO, Júlio (1993) – Recensão a *As lágrimas e o vento*. «Colóquio/Letras». Lisboa. 129/130 (jul.), p. 291-2.
- MELO, João (1979) – Recensão a *As lágrimas e o vento*. «África: literatura, arte e cultura». Lisboa. I, 3 (jan.-mar. 1979), p. 345-347.
- LABAN, Michel (1991) – *Manuel dos Santos Lima*. In *Angola: encontro com escritores*. Vol. I. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, p. 437-460.

MANUEL
DOS SANTOS LIMA
ESCRITOR ANGOLANO
TRICONTINENTAL

COORD.
FRANCISCO TOPA
IRENA VISHAN